

# A MAQUINARIA GÓTICA EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: A SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS IMPREGNADOS PELO TERROR

Nathalia Sorgon SCOTUZZI\*

- **RESUMO:** Pretende-se, nesse artigo, analisar elementos da maquinaria gótica dentro da obra de fantasia *O Senhor dos Anéis*. Será feita uma análise cronológica dos elementos concretos (como monstros e locações) e subjetivos (a atmosfera e sensações vividas pelos personagens) relacionados ao gótico e ao terror, e que função cumprem na referida obra. O objetivo é evidenciar o quanto fundamentais são esses elementos para a construção da narrativa, de forme que caracterizam os desafios a serem superados pelos personagens.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Maquinaria gótica. O Senhor dos Anéis. Atmosfera gótica.

## Introdução

O que é o gótico na literatura? Para alguns, um movimento delimitado, surgido em meados do século XVIII e que durou até o fim do XIX. Para outros, uma tendência nunca finita, mas sempre fluida e adaptável. Independente dessas questões, há algo nessa literatura que a ultrapassa, seja em direção ao passado ou ao futuro, que é a chamada “maquinaria gótica”. Esse artigo não visa uma discussão de gênero, mas sim uma análise dessa maquinaria gótica em determinada obra.

Primeiramente chamado de “parafernália gótica” por H. P. Lovecraft (2008, p.31-32), o grupo de motivos góticos passou, posteriormente a ser denominado de “maquinaria gótica” (VASCONCELLOS, 2002, p.127). Esse grupo consiste de basicamente os diversos motivos relacionados ao horror e terror: podem ser motivos concretos como o castelo assombrado, o fantasma, o vampiro, o lobisomem, a bruxaria; podem apresentar-se como situações apavorantes e petrificantes e no mistério sobrenatural ou ainda em qualquer outro elemento que possa causar assombro em um mero ser humano. Jerrold E. Hogle traça uma sistematização dos temas, espaços e possibilidades textuais apresentadas pelo Gótico:

---

\* Mestranda em Estudos Literários pela Unesp– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Câmpus de Araraquara. Araraquara, SP – Brasil. 14800901. nscotuzzi@gmail.com

Artigo recebido em 27/10/2015 e aprovado em 21/05/2016.

Embora nem sempre de forma tão óbvia quanto em *O Castelo de Otranto* ou *Drácula*, um conto Gótico geralmente se situa (pelo menos durante alguma parte do tempo) em um espaço antiquado ou que o aparente ser - seja um castelo, um palácio estrangeiro, uma abadia, uma prisão vasta, uma cripta subterrânea, um cemitério, uma fronteira ou ilha primitiva, uma grande casa ou teatro, uma cidade envelhecida ou um submundo urbano, um armazém em decadência, uma indústria, um laboratório, um prédio público ou uma nova recreação de antigo local, como um escritório com gabinetes velhos, uma nave espacial desgastada ou uma memória de computador. Dentro desse espaço ou combinação de espaços, escondem-se segredos do passado (às vezes de um passado recente) que perseguem os personagens, psicologicamente, fisicamente ou outras vezes durante o tempo principal da história. Essas perseguições podem tomar muitas formas, mas geralmente adotam os traços de fantasmas, espectros ou monstros (características mescladas de diferentes esferas, geralmente vida e morte) que se levantam de dentro do espaço antiquado, ou às vezes o invadem vindo de domínios alienígenas, para manifestar crimes não resolvidos ou conflitos que não podem mais ser ignorados.<sup>1</sup> (HOGLE, 2002, p.2, tradução nossa).

Essas possibilidades temáticas extrapolam as barreiras levantadas pelo gênero em sua forma mais tradicional. Estão presentes na literatura desde seus primórdios e não é difícil encontrá-los em Homero ou ainda na Bíblia. Essa presença segue em diversas direções, penetra outras escolas literárias e outras mídias, e não pode ser restrita apenas à escola em que surgiu. Sendo assim, aqui se propõe analisar esses elementos góticos dentro da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, escrita entre os anos de 1937 e 1949 e publicada entre 1954 e 1955, sendo a obra máxima do autor. A trama acompanha o *hobbit* Frodo, o herói, em sua missão para destruir o Um Anel, símbolo de todo o poder do grande vilão da trilogia, Sauron. É um caso que, ao menos superficialmente, se apresenta como o bem versus o mal (ainda que de uma forma muito mais profunda), onde o último é desenvolvido a partir de grandes desafios e situações apresentadas ao personagem que são constituídas por elementos góticos e de horror. Elementos permeados pelo gótico também aparecerão em situação isoladas e desconectadas dos planos de Sauron, mas ainda

---

<sup>1</sup> “*Though not always as obviously as in The Castle of Otranto or Dracula, a Gothic tale usually takes place (at least some of the time) in an antiquated or seemingly antiquated space – be it a castle, a foreign palace, an abbey, a vast prison, a subterranean crypt, a graveyard, a primeval frontier or island, a large old house or theatre, an aging city or urban underworld, a decaying storehouse, factory, laboratory, public building, or some new recreation of an older venue, such as an office with old filing cabinets, an overworked spaceship, or a computer memory. Within this space, or a combination of such spaces, are hidden some secrets from the past (sometimes the recent past) that haunt the characters, psychologically, physically, or otherwise at the main time of the story. These hauntings can take many forms, but they frequently assume the features of ghosts, specters, or monsters (mixing features from different realms of being, often life and death) that rise from within the antiquated space, or sometimes invade it from alien realms, to manifest unresolved crimes or conflicts that can no longer be successfully buried from view.*” (HOGLE, 2002, p.2).

assim capazes de inspirar grande medo nos personagens. Fazem parte da saga do herói realizada por Frodo e constituem seus desafios e superações. Não se pretende, entretanto, narrar e acompanhar toda a narrativa, mas sim os momentos em que o gótico está presente.

## A Sociedade do Anel

No primeiro volume da trilogia, “A Sociedade do Anel”, acompanhamos os primeiros passos de Frodo e seus companheiros na etapa inicial de sua missão. Devem caminhar até a cidade de Valfenda, onde entregarão o Anel para os elfos que ali habitam. Partem do Condado, sua terra-natal, local alegre e pacífico e livre de perigos. Porém logo no terceiro capítulo que temos o primeiro encontro de Frodo com uma figura das trevas. Ainda no Condado, temos a primeira aparição de um Cavaleiro Negro, servo de Sauron. É uma figura imponente: monta um grande cavalo negro e também sua figura é totalmente negra; veste um capuz e capa que escondem seu corpo por completo, inclusive seu rosto permanece invisível. A figura causa medo em Frodo e parece o farejar. Esses seres, que outrora foram homens, representam a corrupção da alma humana devido à busca pelo poder. É o primeiro contato do protagonista com uma figura maligna. Ainda mais adiante no mesmo capítulo, Frodo e seus companheiros se encontram com elfos, de quem procuram obter informações a respeito do que são realmente Cavaleiros Negros. A resposta deles é a seguinte: “[...] não cabe a mim dizer mais – para evitar que o *terror* o impeça de continuar a viagem” (TOLKIEN, 2001a, p.86, grifo nosso). É a partir desse momento, portanto, que a dificuldade e perigos dessa viagem ficam claros a Frodo. O medo está instaurado; agora esse sentimento acompanhará os personagens e os deixará em estado de alerta. Por toda a obra, os *hobbits* serão perseguidos por Cavaleiros Negros, o que retomaremos mais adiante.

Seguindo o rumo da história, pouco depois desse encontro com a criatura, Frodo tomará a decisão de não seguir mais pela estrada, onde tivera esse empasse. A outra opção, entretanto, não é menos tenebrosa. Ao anunciar sua decisão, a resposta de um de seus companheiros vem imediatamente: “Mas isso só pode significar que o caminho é o da Floresta Velha! Não pode estar pensando em fazer isso. *A Floresta é quase tão perigosa quanto os Cavaleiros Negros*” (TOLKIEN, 2001a, p.113, grifo nosso). Temos aqui a primeira floresta em que Frodo e seus companheiros adentrarão. As florestas perigosas e ameaçadoras estarão também presentes em diversos momentos da obra. É um local desconhecido, com poderes e forças estranhas que podem causar efeitos diversos e perversos a quem o adentrar. Culturalmente conhecidas como um lugar temível e que guarda perigos, as florestas foram apropriadas pela literatura gótica para se tornarem um dos locais mais legítimos para o acontecimento de

fenômenos estranhos: “[...] as montanhas aparecem na categoria de natureza teimosa e incontrollável, fora do domínio humano e até, de certo modo, além da competência de Deus. Igualmente os animais selvagens e as florestas sombrias” (TUAN, 2005, p.129). Constituem um tema recorrente na maquinaria gótica, onde ao se penetrar uma área erma e desabitada tudo pode acontecer. Sua função de espaço amedrontador e labiríntico está presente em *O Castelo de Otranto* (*The Castle of Otranto*, publicada em 1764), obra fundadora do gótico tradicional; também é peça importante em *Drácula* de 1897 e diversas outras histórias.

Alguns capítulos adiante, já em companhia de Aragorn, o Guardião, e já distantes de sua terra, o grupo de hobbits é novamente perseguido por Cavaleiros Negros. Um momento culminante desses encontros se dá no momento em que o grupo chega ao Topo do Vento, uma construção abandonada. Antigamente nesse local havia uma torre de observação, há muito destruída. O que resta são apenas destroços e uma atmosfera ameaçadora. Ao se aproximarem do local, um dos hobbits se questiona: “Fico pensando quem teria feito essa trilha, e por que motivo. Não tenho certeza de gosto dela: ela tem... bem, uma aparência tumulesca. Existe algum túmulo em Topo do Vento?” (TOLKIEN, 2001a, p.196). Desde a trilha que dirige os personagens ao local podemos observar uma atmosfera insólita; tais trilhas dão aos personagens a impressão de estarem se dirigindo a um local de morte, tumular. Seguem a trilha e escalam a colina íngreme em direção ao local onde se localizava a torre, encontrando, como esperado, apenas seus destroços. Assim como a floresta, esse local traz o sentimento de estranheza. É a entrada em um mundo desconhecido e, nesse caso, um mundo que já abrigara almas e vira guerras. Agora, porém, não encontram sinal algum de vida. Essa construção em destroços pode ser comparada ao castelo gótico, ainda que totalmente destruída. Sua localização se assemelha em dois sentidos: ocupa o topo de um cume, afastado e solitário; é permeado por mistério e um vazio tumular. O local causa impressões angustiantes nos personagens; ao questionar quando sairiam dali, Frodo pergunta a Aragorn: “Não é melhor desocupar a área logo, Sr. Passolargo? Está ficando tarde e eu não gosto desse buraco: por algum motivo, aqui meu coração fica pesado” (TOLKIEN, 2001a, p.201). Temos, assim, não apenas o motivo gótico adaptado à fantasia da obra, mas também a “sensação” que esse motivo causa. É um desconcerto inexplicável e intuitivo. Esses sentimentos de Frodo não são ao acaso: no momento seguinte ocorrerá o primeiro grande confronto entre os hobbits e Cavaleiros Negros. Esse encontro é precedido novamente por uma sensação. Sam, um dos hobbits acompanhantes de Frodo, afirma: “[...] não sei o que é, mas de repente senti medo. Não saio desse vale por nenhum dinheiro do mundo; *senti* que alguma coisa estava subindo a encosta” (TOLKIEN, 2001a, p.207, grifo nosso). É a construção ideal do terror: o local ermo e desabitado junto às sensações de medo em relação à própria atmosfera do local e ansiedade em relação ao que se aproxima. Esses elementos deixam os personagens alarmados e cheios de terror,

preparando-se assim para esse encontro inescapável. O grupo é, finalmente, atacado por alguns Cavaleiros Negros. Frodo é ferido e a última imagem que vê é Aragorn atacando as criaturas com fogo, conseguindo afastá-las. Termina assim essa cena que, de terror transformou-se em completo horror. Os medos mais primitivos de Frodo são concretizados ao ser atacado e ferido, e a fuga dessa situação se dá em seu desmaio.

Os horrores vividos por Frodo, entretanto, não terminam nesse momento. Até que chegue a Valfenda, seu objetivo, será perseguido novamente pelos Cavaleiros e desmaiará em motivo de sua ferida. Ao chegar ao local, o primeiro ciclo de sua jornada estará concluído e o protagonista estará curado. É um momento de alívio e alegria em meio a todas as cenas de terror já vividas até o momento. Mas, diferente do que acreditava, sua missão não está cumprida. Agora, junto da Sociedade do Anel, deve levar o objeto que protege até o único local que pode ser destruído: Mordor, a terra mais perversa e demoníaca de toda a Terra-Média. Assim, o grupo, agora contando também com elfos, anões e outros humanos, segue um novo caminho.

O próximo grande local gótico a ser penetrado pela comitiva é uma indicação de Gimli, o anão: as Minas de Moria, vivenda de seus parentes desde tempos remotos e orgulho de sua raça. Sua passagem deveria ser fácil, devido ao conhecimento de Gimli acerca do local e com a ajuda de seus familiares. Porém, outros membros da comitiva não concordam com essa ideia. Boromir, um dos membros humanos, comenta, ao ouvir a indicação do anão: “Este não é um nome de bom agouro” (TOLKIEN, 2001a, p.314). Aragorn, mais adiante, complementa Boromir: “Eu também atravessei o Portão do Riacho Escuro certa vez. Mas, embora também tenha saído vivo, as lembranças são muito maléficas. Não gostaria de entrar em Moria pela segunda vez” (TOLKIEN, 2001a, p.215). Essas negações em relação a esse caminho a ser seguido recebem apoio de quase todo o grupo. Apesar disso, é o caminho escolhido. Desde essa tomada de decisão, o caminho já se mostra cheio de terrores. Em primeiro lugar, são atacados por lobos. Muito presente no folclore europeu, esse animal esteve sempre ligado ao sobrenatural – afinal, lobisomens e vampiros se transformam nele de acordo com essas lendas. Ao seu redor giram diversas superstições. Sua presença é ameaçadora e, dentro da obra, são possíveis espíões do grande vilão Sauron. Em seguida, são atacados por *wargs*, outra criatura folclórica e similar a um lobo, porém mais violento e bestial. Novamente, entretanto, as criaturas são derrotadas. Finalmente a comitiva chega à encosta de Moria. Em meio ao local onde deveria haver uma entrada, há um lago negro e imóvel. De acordo com um dos personagens, “[...] ninguém da comitiva, eu acho, estaria disposto a nadar nessa água sombria no fim do dia. Tem uma *aparência maligna*” (TOLKIEN, 2001a, p.320, grifo nosso). O grupo decide, dessa forma, contornar o lago. Chegam finalmente à porta de entrada das minas. Porém, para poderem entrar, devem saber a resposta de um enigma. Como não conseguem adivinhá-la, perdem um tempo considerável naquele lugar inóspito. Após um tempo, começam novamente a ouvir uivos de lobos. Nesse

momento, o medo e aflição nos personagens já alcançaram níveis altíssimos. Seguiram caminhos perigosos e foram atacados por criaturas malignas. Com seu emocional já muito abalado, começam a ficar cada vez mais ansiosos. Boromir, em reflexo a essa ansiedade, atira uma pedra em meio ao lago. Frodo o questiona: “Por que fez isso, Boromir? Também odeio esse lugar, e estou com medo. Não sei do que: não é dos lobos, ou do escuro que nos espera atrás das portas, mas de alguma outra coisa. Tenho medo do lago. Não o incomode!” (TOLKIEN, 2001a, p.326). Novamente, os sentidos de Frodo estão aguçados à recepção do insólito. As águas do lago começam a agitar-se e a comitiva é atacada por tentáculos luminosos e úmidos. Frodo é pego por um desses tentáculos, mas é salvo por Sam, que fere a criatura. Diversos outros tentáculos saem das águas em direção aos personagens, espalhando consigo um odor repulsivo. Estão todos aterrorizados e petrificados. Gandalf, o mago, já conseguira adivinhar o enigma da porta, e desperta o resto de seu grupo para que saiam de seu torpor e adentrem, afinal, a mina. A criatura os segue, agarrando-se à entrada do local, e conseqüentemente, destruindo-a. Assim, a comitiva está salva deste monstro, porém presa em Moria. Temos aqui outra criatura popular no bestiário gótico: o polvo. Animal vinda do mar, local já insólito por si, tem inteligência e comportamento que causam espanto natural ao ser humano. Criaturas tentaculosas, misteriosas e perigosas não são inéditas na literatura, e na obra em questão conseguem causar esse sentimento com maestria. Estão presentes, por exemplo, em obras de Victor Hugo, Júlio Verne e H. P. Lovecraft. Além disso, fazem parte do imaginário medieval europeu, fonte de grandes histórias envolvendo perigos e aventuras ao mar. Nos mitos romanos, o polvo é um dos principais causadores de aflição. Essas histórias estão presentes em obras de escritores daquela época, como Plínio, o Velho, que relata casos em que essa criatura saíria de seu habitat para transgredir as barreiras entre a civilização e a natureza. Em *O Senhor dos Anéis*, porém, quem transgredir essa barreira são nossos personagens, que incomodam a besta em seu habitat. A criatura é comumente descrita de forma muito mais aterrorizante do que o normal: “[...] seu tamanho era inédito, assim como sua cor; era manchado por salmoura e tinha um cheiro hediondo”<sup>2</sup> (PLÍNIO apud FIRMAN, 2010, p.33, tradução nossa). Quando no imaginário, o polvo é sempre descrito com tamanho muito maior do que o que realmente pode chegar a ter, e seu odor putrefato também costuma ser salientado como parte de seu horror.

Passando por todas essas cenas de terror, a comitiva chega, finalmente, ao local pretendido. Porém isso não significa o fim de suas dificuldades. Moria será, ainda mais que a torre destruída em Topo do Vento, uma junção do castelo gótico tradicional com uma grande e opressiva tumba. Diferentemente do que Gimli acreditava, todos os anões que lá já viveram estão há muito tempo mortos. O local é um imenso

---

<sup>2</sup> “*Its size was unheard of, and likewise its colour; it was smeared with brine and had a dreadful smell*” (PLÍNIO apud FIRMAN, 2010, p.33).

sarcófago com ossadas por todos os lados, construções se desfazendo e labirintos. Sem a ajuda desses anões, a comitiva se encontra desolada. A descrição feita por Fred Botting (2014, p. 4, tradução nossa) a respeito das locações góticas pode ser muito bem aplicada a essa mina:

Locações físicas e cenários manifestam distúrbio e ambivalência em termos espaciais como movimentos entre o dentro e fora: os castelos, abadias e ruínas [estão] no centro de muitas das ficções góticas iniciais. [...] Não apenas lugares de defesa, mas também de encarceramento e poder, são localizados em locais isolados, além da razão, lei e autoridade civilizada, onde não há proteção do terror e da perseguição, e onde, dentro de portas que rangem, corredores escuros e masmorras úmidas, medos e fantasias irracionais são estimulados<sup>3</sup>.

Essa definição é apropriada tanto para Moria, onde agora adentram, quanto para o cenário de Topo do Vento. Ambos os locais não apresentam proteção aos personagens e, pior, estimulam seus maiores medos. Deslocamos, portanto, a presença gótica de seres perigosos (lobos e polvos) para algo muito mais subjetivo. Ninguém sabe o que irá encontrar e é essa expectativa que causa a sensação de terror e apreensão a cada corredor que tomam e a cada cômodo em que entram, o que torna toda a jornada dentro das minas uma experiência terrível. O caminho seguido pelo grupo será diversas vezes definido como escuro. Essa escuridão é elemento fundamental para causar o sentimento de opressão; também fundamental é o silêncio profundo e perturbador. Porém mais perturbador ainda é quando esse silêncio é quebrado – e não por nenhum dos nossos personagens. Um dos hobbits, em certa ocasião, derruba uma pedra em um poço; momentos depois se inicia um som de batidas, contínuo e repetitivo. Gandalf diz: “Pode não ter nada a ver com a pedra tola de Peregrin, mas provavelmente alguma coisa foi incomodada, e seria melhor tê-la deixado quieta” (TOLKIEN, 2001a, p.333). É o início do confronto que está por vir. Logo adiante, a comitiva tem mais uma pista do que os aguarda. Encontram um livro com registros dos anões que ali viveram, e seu último parágrafo serve como presságio e aviso: “Não podemos sair, tambores, tambores nas profundezas. Eles estão chegando” (TOLKIEN, 2001a, p.343). É nesse momento que esse aviso se concretiza: são finalmente atacados pelos monstros que ali vivem e reesponsáveis pelos barulhos de tambor: orcs. Novamente temos uma figura mitológica inserida nessa fantasia. Orcs são seres degenerados e totalmente malignos, e na obra de Tolkien

---

<sup>3</sup> “Physical locations and settings manifest disturbance and ambivalence in spatial terms as movements between inside and out: the castles, abbeys and ruins at the center of many early gothic fictions [...] Not only places of defense, but also of incarceration and power, they are located in isolated spots, area beyond reason, law and civilized authority, where there is no protection from terror or persecution and where, inside, creaking doors, dark corridors and dank dungeons stimulate irrational fancies and fears.” (BOTTING, 2014, p.4).

recebem sua concepção definitiva. Não são, porém, muito diferentes dos monstros clássicos presentes na literatura gótica. Tem aparência grotesca, como o monstro de Frankenstein, pois são criados a partir de cruzas de raças e experimentos. Têm uma ânsia por sangue, assim como vampiros. Obedecem, por fim, a um ser maior, assim como demônios. A partir desse momento, a comitiva terá inumeráveis encontros com essas criaturas, exército principal do Senhor do mal. Temos mais uma vez medos concretos e visíveis. A comitiva poderia ser morta devido à quantidade imensa dessas criaturas, caso não houvesse aparecido um problema maior: um Balrog, criatura demoníaca das profundezas das minas. Envolto em fogo e imenso, essa criatura não pode ser destruída por nenhum membro da Sociedade do Anel. Assemelha-se muito a um demônio do cristianismo, em forma e intenções. A fuga dos personagens, por fim, se dá devido a um sacrifício de Gandalf, que se joga nas profundezas junto à criatura. Estão, assim, livres desse mal e fora daquela tumba aterrorizante, porém a um preço alto. É a primeira grande perda da sociedade.

Ao término do primeiro volume, a sociedade se separa. Agora cada subdivisão passará por situações terríveis e condizentes com os caminhos que escolheram. No volume seguinte, portanto, teremos novas situações tenebrosas que podem ser identificadas com a maquinaria gótica.

## As Duas Torres

A primeira parte do segundo volume apresenta novos motivos góticos. Merry e Pippin, dois dos hobbits, são capturados por orcs. Aragorn, Gimli e Legolas, o elfo, partem em sua busca. Frodo e Sam, assim, são os únicos que continuam na rota original. Nesse momento Boromir fora morto por orcs e Gandalf retornou das trevas em nova forma. Segue, assim, junto a Aragorn, Gimli e Legolas, em direção a Isengard, região nefasta onde vive o mago Saruman. Este mago, diferente de Gandalf, cedeu às tentações das trevas e vive como servo de Sauron. É um característico feiticeiro maligno e sádico, cuja morada não é nada menos maligna. O local é descrito como

[...] uma terra triste, silenciosa a não ser pelo ruído pedregoso de águas rápidas. Fumaça e vapores flutuavam em nuvens escuras e espreitavam nas concavidades. Nenhuma árvore crescia ali, mas em meio ao mato alto ainda se podiam ver os troncos de antigos bosques, derrubados por machados e queimados. (TOLKIEN, 2002, p.156).

Em meio a essa terra encontra-se a cidadela construída por Saruman, negra e destituída de qualquer presença da natureza:



Milhares podiam morar lá, trabalhadores, servidores, escravos e guerreiros com grande estoque de armas; lobos recebiam alimento e abrigo em profundas tocas mais abaixo. [...] Poços fundos tinham sido cravados no chão, [...] desciam por muitas rampas e escadas espirais até cavernas muito abaixo. (TOLKIEN, 2002, p.157).

Se em Moria tínhamos, mais que tudo, a presença do insólito sentida por meio de detalhes, Isengard é a metrópole do Mal. Nada ali pretende ser sutil: é abrigo de lobos, orcs e todos os outros servos de Sauron, é a fábrica da máquina de guerra desse senhor, e tem como cabeça um mago corrompido e isento de qualquer traço de bondade. Não poderia ficar de fora, inclusive, a construção opressiva similar a um castelo. Essa construção é Orthanc, a torre negra que Saruman habita. Entretanto, por mais repleto de mal que aquele lugar pudesse estar, é destruído pelas forças que haviam sido expulsas de lá: a natureza. Junto a Merry e Pippin, os ents, espécies de criaturas arbóreas animadas e poderosas tomam de volta seu antigo território. Essa destruição é, inclusive, bastante simbólica. Os ents destroem a barragem que impede as águas da região de ocuparem seu lugar em Isengard. Com as águas livres, o local é inundado e purificado; todo o fogo e impurezas ali produzidos é expurgado. A chegada de Gandalf e sua trupe é surpreendida por essa derrota de Saruman. É a primeira grande vitória de nossos heróis sobre uma presença tão grande do mal, e um grande desfalque nas forças de Sauron.

É importantes comentarmos, a esse ponto, a questão ideológica de toda essa guerra entre bem e mal. O gótico tradicional surgiu como uma manifestação em oposição ao pensamento iluminista da época, que levava em conta apenas o racional e o humano. Ele vem para reinstaurar a tradição medieval, cheia de superstições, medos e instabilidades. Da mesma forma, Sauron pretende romper com a ordem existente na Terra-Média: com sua tomada total do poder, pretende reinstaurar o caos, a bestialidade e a instabilidade por toda essa terra, que nesse momento é estável, onde cada diferente povo se respeita dentro de seus limites. O que era de certa forma sutil na literatura do século XVIII, quando adaptada à fantasia de Tolkien, toma novas proporções. Podemos aplicar à obra, inclusive, os comentários de Sandra Gardini Vasconcelos (2002, p.127, grifo do autor) a respeito do gótico:

O romance gótico leva o tema richardsoniano da “virtude em perigo” ou em dificuldades às suas últimas consequências e encontra na perseguição – seja ela de natureza social, religiosa ou psicológica – um de seus motivos centrais. Daí seu investimento numa espécie de psicologia de medo, em que o aparato gótico é colocado a serviço de experiências emocionais que perturbam o senso de realidade e distorcem a percepção e a perspectiva. Em situações de isolamento social, a personagem experimenta distorções de sua sensibilidade, questiona o “real” e busca na natureza, representada no que ela tem de sublime e magnificante, abrigo e refúgio.

Uma das funções do gótico é, portanto, a superação de desafios que ameaçam a estabilidade conhecida, através de medos e terrores que, ao fim da jornada, levarão essa estabilidade a ser restituída ou recriada. Essa questão, junto à jornada do herói elaborada por Joseph Campbell (1949), define muito bem a saga vivida por Frodo. Toda essa guerra putrefata iniciada por Sauron serve de desafio ao equilíbrio da Terra-Média, que ao final será reestabelecido. Inclusive, a partir de “As Duas Torres” Frodo encontra-se isolado de toda a sociedade, tendo apenas como companhia seu fiel servo Sam e em alguns momentos a criatura deturpada Gollum. Essa redução da quantidade de companheiros é muito importante e parte fundamental para a superação de desafios pelo herói. Vemos, portanto, que a ideologia do gótico pode ser aplicada a essa obra.

Direcionando-nos agora à trilha de Frodo e Sam, visitaremos outros motivos góticos bastante sólidos e conhecidos. Durante seu percurso, a dupla domará e terá como guia a criatura Gollum, que um dia já fora similar a eles mesmos. O objetivo de Gollum se resume em obter o Anel para si a qualquer custo, e por isso aceita servir de guia a Frodo até que o momento de tomar seu “precioso” se mostre. Em devido momento, para poderem seguir adiante, o trio deve passar por um pântano. Esta área, fora da literatura, já é misteriosa por si só. Águas paradas e turvas a preenchem, cheias de plantas em decomposição, sendo o local perfeito para o mistério. No gótico o encontramos nos arredores da Casa de Usher, de 1839, de Poe, tendo um papel fundamental na história. Irá também ser muito recorrente na literatura de terror norte-americana, por ser um elemento comum em sua natureza, geralmente ligado ao vodú ou práticas mágicas. O pântano apresentado em “As Duas Torres” não difere desses casos. Os personagens irão atravessá-lo confiando no conhecimento de Gollum acerca do local, através na névoa e caminhos estreitos. Desde seu nome causa temor: os Pântanos Mortos. O local é assim descrito:

O lugar era monótono e cansativo. O inverno frio e úmido ainda dominava aquela *região abandonada*. A única coisa verde que se via era a escória de ervas esbranquiçadas sobre as superfícies escuras e oleosas das *águas sombrias*. Capim morto e juncos apodrecidos assomavam por entre a névoa como sombras esfarrapadas de *verões há muito esquecidos*. [...] Bem acima da podridão e dos vapores daquele mundo, o sol agora passava alto e dourado, [...]mas lá embaixo eles só conseguiam ver dele um fantasma fugidio, ofuscado, opaco, incapaz de dar cor ou calor (TOLKIEN, 2002, p.236, grifo nosso).

Temos novamente um cenário completamente gótico. Afastado da civilização e da razão, nem o sol ousa penetrar ali. É um cemitério da natureza, onde nada vivo cresce e o que está morto permanece. Caminhar em seu meio demanda grande coragem e ousadia, ambos fundamentais para Frodo desde que saíra do Condado. É mais um desafio a ser superado, e dessa vez não podem confiar em seu guia. Andam

às cegas em meio a um local onde a probabilidade de saírem vivos é muito pequena. O local pode remeter ainda a um labirinto, outro elemento comum do gótico desde *Otranto*. Se não fosse por Gollum, nunca sairiam dali. Os desafios do pântano não terminam nesse momento - os personagens, em certo ponto, começam a observar fogos-fátuos ao seu redor. O fogo-fátuo, reação da natureza, assim como o pântano é misterioso por si. Reação química natural, fora por muito tempo parte das superstições humanas e tomado como elemento sobrenatural. Hoje, ainda que já explicado, não perde seu mistério. Está presente em *Drácula*, onde causa reação de espanto nos personagens que o encontram. Em “As Duas Torres”, será o prenúncio de algo maior. Gollum anuncia serem “luzes enganosas. Velas de cadáveres.” (TOLKIEN, 2002, p.237). Insiste em que Frodo e Sam não olhem para elas e que não as sigam. Porém o que as luzes trazem é inevitável: naquelas águas putrefatas há rostos de mortos. “Rostos repugnantes e maus, e rostos belos e tristes. Muitos rostos ativos e belos, e ervas em seus cabelos prateados. Mas todos nojentos, podres, todos mortos.” (TOLKIEN, 2002, p.238). Gollum dá a explicação: naquele local houvera uma grande guerra, entre homens, elfos e orcs. Os locais onde jaziam seus túmulos foram tomados pelos pântanos. Agora, o que resta são suas imagens, para sempre dentro daquelas águas e observando quem por ali passa com seus olhos mortos. É, então, além de um túmulo da natureza, um túmulo para as criaturas que ali batalharam, sempre observando, mas sempre inalcançáveis. São apenas reflexos, fantasmas do que outrora aconteceu. Ao fim da travessia, o trio é acometido por uma sensação tenebrosa. Observam no céu uma figura negra: “[...] enorme, alada e agourenta. Passou através da lua, e com um grito mortal foi embora em direção ao oeste, superando o vento em sua velocidade alucinante” (TOLKIEN, 2002, p.239). A criatura mais uma vez ronda o local em que estão, até que parte finalmente. São os Espectros do Anel, que agora mais do que Cavaleiros Negros, têm uma montaria alada e continuam na trilha de Frodo.

Após saírem finalmente dos pântanos, Frodo, Sam e Gollum chegam aos portões de Mordor, seu destino final. Porém não há como penetrá-lo, o que faz com que a criatura indique outro caminho, através de uma antiga fortaleza para dentro da terra maldita. Entretanto, antes que cheguem ao local, são capturados por Faramir, irmão de Boromir, que por um tempo os toma como prisioneiros. Livres dessa situação se dirigem finalmente ao caminho escolhido. A partir desse momento, a atmosfera da obra é toda pesada. Não há mais intervalos em cidades belas e seguras, não há mais a proteção de Aragorn ou Gandalf. As trevas agora dominam e a atenção deve ser redobrada. O nome do local a ser adentrado é CirithUngol, fortaleza repleta de orcs e criaturas nefastas. O único argumento para passarem por ali é que seria o último lugar que o Inimigo esperaria os encontrar. Será nesse local que Frodo passará por uma de suas grandes dificuldades: andando por corredores escuros, apertados e perigosos, Frodo e Sam são abandonados por seu guia no local mais fétido desses túneis, onde encontram teias de aranha e uma sensação desesপরadora. Ao acreditarem

terem conseguido fugir desse novo labirinto o encontro com o mal finalmente acontece: estão na toca de Laracna, criatura demoníaca semelhante a uma aranha, porém gigantesca. A aranha é mais um ser corriqueiramente associado ao gótico. De Jeremias Gotthelf (que a retratou de forma maligna) a H.G. Wells, está presente nessa literatura constantemente. Esse animal vive nas mansões e castelos assombrados, suas teias decoram os corredores escuros e sua presença causa arrepios. A possibilidade de sermos picados e envenenados causa terror imediato. Sua aparência negra e repulsiva ilustra nossas inseguranças. Laracna é descrita da seguinte forma:

Ali morara por muitas eras um ser mau em forma de uma aranha. [...] Ela chegara antes de Sauron [...], nunca servira a ninguém a não ser si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vomito a escuridão. Por toda a volta suas crias menores, bastardos de companheiros miseráveis, seus próprios filhos que ela matava, espalharam-se de vale em vale [...]. Mas nenhuma se comparava a ela, Laracna, a Grande, última filha de Ungoliant a importunar o mundo infeliz. (TOLKIEN, 2002, p.344).

O plano de Gollum era, portanto, entregar Frodo e Sam às garras da criatura. A aranha pica e imobiliza Frodo, a levando para seu ninho. Sam acredita ter falhado e que seu mestre está morto. A cena toda é cheia de tensão. Sam crava um embate com a criatura, que foge derrotada. O sofrimento desse herói é profundo ao descobrir Frodo aparentemente morto. Após decidir abandonar seu corpo e seguir com a missão, Sam descobre, por meio de uma conversa de orcs, que Frodo ainda está vivo. Este é o fim de “As Duas Torres”. Entre orcs e corredores escuros, Sam tem a missão de resgatar seu grande amigo.

## O Retorno do Rei

No último volume da obra, teremos a reta final da jornada de cada um dos nossos personagens. Aragorn e seus companheiros continuam em frente, e um dos locais pelo qual devem passar, desde seu nome, já causa aflição: a Senda dos Mortos. Ao revelar sua decisão, recebe respostas nada animadoras. Éomer, personagem que havia o acompanhado em um último momento diz: “Que pena, Aragorn, meu amigo. Esperava que pudéssemos cavalgar juntos para a guerra; mas, se você procura as Sendas dos Mortos, então chegou a hora de nossa separação, e é pouco provável que nos encontremos de novo sob esse sol” (TOLKIEN, 2001b, p.39). A ameaça está lançada. O caminho será perigoso e mortal. Este local é, indubitavelmente, povoado por mortos, por suas almas. Porém há uma história por trás disso, selada por um

juramento não cumprido, outro tema muito forte no gótico. O juramento, quando não cumprido, resulta na maldição. Neste caso, fora feito entre o rei Isildur, e o Rei das Montanhas, o qual jurou fidelidade e assistência no momento em que Sauron retornasse com seu mal. Quando essa previsão foi cumprida, os montanhese se ausentaram, quebrando, então, tal juramento. A maldição é a que se conta:

Tu serás o último rei. E se o oeste se mostrar mais forte que teu Mestre Negro, esta maldição eu lanços sobre ti e teu povo: jamais descansará enquanto o juramento não for cumprido. Pois esta guerra perdurará por anos sem conta, e vós sereis chamados mais uma vez antes do fim. (TOLKIEN, 2001b, p.42).

Maldição cumprida, esse povo encontra-se preso dentro de suas montanhas. Aragorn, descendente de Isildur, os chamará para que cumpram a promessa. Entram, assim, no local maldito. Ao seu redor ouvem sussurros em línguas desconhecidas. Tudo é escuro, exceto pela luz das tochas que carregam. O terror puro e cortante está instaurado:

Nada atacou o grupo, nem impediu sua passagem. Mesmo assim, o medo não parava de crescer dentro do anão à medida que ele avançava: principalmente porque sabia agora que não haveria como voltar; todas as trilhas atrás estavam apinhadas por um exército que os seguia na escuridão (TOLKIEN, 2001b, p.47).

Pior que encontrar algo terrível, é a expectativa desse encontro. Ele pode surgir a cada novo caminho, a cada curva que virarem. Novamente, temos uma estrutura labiríntica e opressora a ser ultrapassada. Esse terror seguirá, ironicamente, Gimli, o anão. Apesar de acostumado a viver sob montanhas, esta em especial o apavora. Um vento repentino apaga suas chamas, que não voltam a se acender. Sobre o anão: “[...] os outros continuaram avançando, mas ele sempre ficava para trás, perseguido por um terror que o procurava e parecia estar o tempo todo prestes a agarrá-lo; atrás dele vinha um rumor como a sombra do ruído de muitos pés” (TOLKIEN, 2001b, p.48). Ele sente que está sendo seguido, apesar de nada ver. É a sensação que o envolve que fará o papel de mau agouro. Ele sabe que algo está por vir. Já Legolas não apenas os pressente, mas por fim os vê: “[...] os mortos estão nos seguindo. Vejo vultos de homens e cavalos, e pálidas bandeiras como retalhos de nuvens, e lanças como arbustos hibernais numa noite de névoa. Os Mortos estão nos seguindo” (TOLKIEN, 2001b, p.49).

Chegam ao ponto de seu destino. No topo de uma colina há uma pedra negra, da altura de um homem, que fora ali fixada por Isildur no momento do juramento. Sua atmosfera é também sobrenatural e é considerada pelo povo daquela região um local maldito. Aragorn faz o chamado: ao tocar sua corneta, observa os seres fantasmagóricos se aproximarem: “Perjuros, por que viestes?”, pergunta para o qual

recebe a resposta: “para cumprir nosso juramento e ter paz” (TOLKIEN, 2001b, p.50). Assim, Aragorn e seus companheiros ganham um exército: os Mortos tomarão seu lado na guerra. A ameaça que fora construída por todo seu caminho é quebrada. Aragorn tem o poder para controlar estes seres, que agora são, portanto, aliados.

Após batalhas e baixas, os exércitos da Terra Média chegam a Mordor. Se Isengard era uma terra nefasta, Mordor é sua versão maximizada. Região montanhosa e vasta, é o lar de Sauron e seus súditos. Ali são criados orcs e muitas outras criaturas funestas a seu poder. Gandalf, Aragorn, Legolas, Gimli e exércitos de elfos e homens encontram-se agora aos portões desse inferno. Por um caminho interno, seguem Frodo e Sam. De dentro observam essa terra horrenda:

Nas bordas externas, sob as montanhas a oeste, Mordor era uma terra agonizante, mas que ainda não morrera. E ali as coisas ainda cresciam, ásperas, retorcidas, amargas, lutando pela vida. [...] Árvores baixas e raquíticas se penduravam a espreita [...]; moscas pardas, cinzentas ou negras, marcadas como os orcs com uma mancha no formato de um olho vermelho, zumbiam e picavam. [...] Ali a fumaça subia do chão e espreitava nas concavidades; vapores escapavam das fissuras da terra. [...] Frodo e Sam observavam aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. (TOLKIEN, 2001b, p.195 -196).

Ali também estão reunidos exércitos de homens, orcs e criaturas híbridas. Em tudo, se assemelha realmente a um inferno. Sauron, seu rei, é de todo mal. Não é ambíguo por nem um momento e deseja o caos e a morte. Seus súditos são como demônios, criaturas sem vontades próprias e que entregam sua vida às vontades de seu mestre. Tudo o que há de ruim na Terra-Média se reúne ali. A maldade está presente tanto nas pessoas, quanto no próprio ambiente. Inclusive não há grande lealdade entre todas essas criaturas, que se desentendem e se matam com uma facilidade enorme. São bestiais e idióticas. O caminho de Frodo e Sam rumo à montanha onde destruirão o anel é penoso. É uma via sacra, um caminho repleto de sacrifícios para se alcançar um bem maior.

Em meio a esse caminho, Frodo tem um embate direto com Gollum, que se concretiza como seu duplo. Outrora uma criatura semelhante a um hobbit e de nome Sméagol, fora corrompido pelo anel até tornar-se um ser disforme e obcecado. Frodo segue esse caminho. Ele vê em Gollum aquilo que pode se tornar e, ao mesmo tempo em que teme esse acontecimento, não consegue evitar. Ambos têm intenções para com o anel, porém opostas. Frodo quer o destruir, Gollum o possuir. Um personagem vê no outro o que pode se tornar ou o que já foi um dia. Esse jogo de comparações e opostos faz que o arquétipo do duplo seja bem administrado. Gollum, por si só, já tem em Sméagol seu primeiro duplo, que vê refletido em Frodo. Temos um jogo de

reflexos entre essas figuras, onde um se vê no outro, seja em forma de reconhecimento, seja como seu oposto. O duplo, como sabemos, é uma figura muito forte no gótico. Desde Hoffmann, a Poe e Stevenson, essa duplicidade causa medo, desconfiança e ambiguidade. Ao chegarem, enfim, à Montanha da Perdição, onde o Anel será lançado às chamas sendo finalmente destruído, Frodo se deixa vencer pelo objeto. Suas intenções agora convergem com as de Gollum: seus desejos passam a serem os mesmos. O lado sombrio venceu, e ele decide ficar com o Anel. Seu embate final com Gollum se dá nesse momento, onde ambos lutam pelo objeto precioso com violência e fúria. Tornaram-se o mesmo: uma criatura ensandecida cuja vontade de apoderar o Anel o faz esquecer-se de tudo. Sméagol é sufocado nesse momento, assim como o lado bom de Frodo, que está inerte e permanece vivo apenas em Sam. Gollum vence a luta, porém ao apoderar-se do Anel, em meio a sua euforia, cai em direção às chamas. Mais um mal fora vencido. Frodo volta a si, agora que está livre do poder do objeto maléfico. Seu lado ruim morrera junto com Gollum, criatura que foi fundamental para esse resultado.

Mordor foi vencida. A destruição do Anel significa a destruição de Sauron, e sem esse líder, de nada vale seu reino de horror. Essa derrota é mágica:

E, no momento em que [Gandalf] falava, a terra tremeu sob seus pés. Então, subindo depressa, bem acima das Torres do Portão Negro, muito mais alta que as montanhas, uma vasta escuridão irrompeu nos céus, coruscando fogo. E a terra geme e estremeceu. As Torres dos Dentes balançaram, cambalearam e caíram; a poderosa fortificação desmoronou, o Portão Negro se desfez em ruínas; e de longe, às vezes fraco, às vezes crescendo, outras ainda subindo às nuvens, vinha um retumbar como o de tambores, um rugido, um ruído longo e turbulento de destruição. (TOLKIEN, 2001b, p.226).

As estruturas físicas que constituíam Mordor desabam sem o poder que as mantém em pé. Com a derrota de Sauron, seus súditos se veem perdidos e sem rumo, matando uns aos outros e fugindo. Sendo o Mal derrotado, a Terra Média retoma sua estabilidade. A ruína de Mordor é a última grande cena gótica da obra. Com o mal cortado pela raiz, seus espólios pelo caminho perdem força e definham, não se mostrando mais como adversidades.

## Considerações Finais

Como dito anteriormente, a maquinaria gótica não se prende a seu gênero fundador. Seus temas medonhos podem aparecer em qualquer obra de arte e, mais que isso, são intrínsecos à vida humana. O medo, os monstros de nossa imaginação e os desafios sombrios que enfrentamos em nossa jornada estarão para sempre se

manifestando. *O Senhor dos Anéis*, obra de fantasia que apresenta temas como a luta do bem contra o mal e a jornada de um herói, foi concebida baseando-se, em parte, na presença intensa desses elementos que qualificam o lado “do mal” na narrativa. É a vitória a cada obstáculo que engrena a jornada. E esses obstáculos são, quase sempre, góticos e de horror. É a superação dos medos impostos por tais desafios que faz com que Frodo siga adiante.

SCOTUZZI, N. S. The gothic machinery in *The Lord of the Rings*. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.2, p.137-153, jul./dez. 2015.

- **ABSTRACT:** *This paper intends to analyze elements of the gothic machinery inside the fantasy work The Lord of The Rings. A chronological analyses will be made, regarding concrete (such as monsters and locations) and subjective (the atmosphere and sensations experienced by the characters) elements related to the gothic and terror, and which function they fulfill in this work. The goal is to evidence how fundamental these elements are to the construction of the narrative, shaped as challenges to be overcome.*
- **KEYOWRDS:** *Gothic machinery. The Lord of The Rings. Gothic Atmosphere.*

## Referências

BOTTING, F. **Gothic**. 2.ed. London: Routledge, 2014.

CAMPBELL, J. **The hero with a thousand faces**. New York: Pantheon Books, 1949.

FIRMAN, C. L. **Fantasy making the invisible visible: liminality in Neil Gaiman's nowhere and american gods**. 2010. 64 f. Thesis (Master's Theses). Bucknell University, Lewisburg, 2010.

HOGLE, J. Introduction: the Gothic in western culture. In: **THE CAMBRIDGE Companion to Gothic Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.1-20.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.



\_\_\_\_\_. **O senhor dos anéis: o retorno do rei.** São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. **O senhor dos anéis: as duas torres.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TUAN, Y. **Paisagens do medo.** São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

VASCONCELOS, S. G. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII.** São Paulo: Boitempo, 2002.

